

AS POETAS DA GERAÇÃO DE 45

DOI: 10.47677/gluks.v25i03.557

Recebido: 31/07/25

Aprovado: 18/09/25

CORVINO, Juliana Diniz Fonseca¹

A frequente ausência das poetisas na historiografia literária e, conseqüentemente, nos manuais escolares, revela um processo histórico de apagamento que ressoa na atualidade, mesmo diante das relevantes contribuições dos estudos de gênero na literatura, por isso, é imprescindível discutir a literatura produzida por mulheres e os impasses de sua recepção. É nessa perspectiva que a professora Joelma Santana Siqueira, na presente entrevista, aborda a participação das poetisas na geração de 45, ressaltando a importância de pesquisas que contribuam para a promoção de diferenciadas histórias da literatura.

A entrevistada, Joelma Santana Siqueira, possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); mestrado em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); doutorado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; e estágio Pós-doutoral na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É professora titular da Universidade Federal de Viçosa, membro do Conselho Editorial da Editora da UFV, editora-chefe da *Revista Jangada* e editora adjunta da *Revista Gláuks*. Presidente do Conselho Administrativo da Fundação Artística, Cultural e de Educação para a Cidadania de Viçosa (FACEV). Coordenadora do Projeto de Extensão e Cultura “Livros & Canções”, programa de rádio transmitido pela Universitária FM 100,7. Líder do grupo de pesquisa “Literatura e Mídia”. Coordenadora do GT Teoria do Texto Poética da ANPOLL. Desenvolve projetos de pesquisa, ensino, extensão e cultura sobre narrativa moderna; poesia moderna; estudos interartes;

¹ Doutora em Ciência Política pela Universidade Candido Mendes (UCAM/IUPERJ). Mestre em Direito pela Universidade Gama Filho (UGF). Pós-doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Licenciada em Letras e Pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: jletras_ufv@yahoo.com.br

literatura e imprensa. Autora de artigos, capítulos e livros sobre esses temas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq. Administra o site do grupo www.literaturaemidia.ufv.br

1. Professora, muito obrigada por nos conceder esta entrevista para o dossiê “Reflexões sobre a condição feminina na poesia e na crítica brasileira escrita por mulheres”. Conte-nos um pouco sobre sua experiência como leitora da poesia escrita por mulheres e o que significa ser uma leitora da poesia escrita por mulheres.

Eu quem agradeço a oportunidade de conversar sobre poesia escrita por mulheres, embora não me considere capaz de falar sobre o assunto com a abrangência que sua questão requer, por diversos motivos, entre os quais incluo as interseccionalidades que envolvem os estudos de gêneros. Na minha experiência como estudiosa da literatura, a princípio, não pensava em uma separação entre a poesia escrita por mulheres e a poesia escrita por homens. Minha perspectiva não estava inserida nos estudos de gênero. Pesquisando sobre a poesia de João Cabral e sobre a geração de 45, em um determinado momento, deparei-me com nomes das poetisas que foram, em algum momento, vinculadas à geração, mas são pouco conhecidas. É preciso dizer que isso também se passa com muitos poetas. A geração de 45, como um grupo voltado sobretudo para a poesia, reunido em torno de antologias, revistas, congressos e editoração de livros, contou com a participação de muitos nomes que, hoje, são pouco lidos e estudados. Para exemplificar, relembro a *Antologia poética da geração de 45*, de Milton de Godoy Campos (1966), com 64 nomes de escritores, entre esses, 9 escritoras: Dulce Carneiro, Hilda Hilst, Idelma Ribeiro de Faria, Ilka Brunilde Laurito, Laís Correia de Araújo, Maria Isabel, Renata Pallottini, Stella Leonardos e Zila Mamede. Dessa lista, a escritora mais conhecida é Hilda Hilst, embora, menos lembrada como poeta. Então, voltando a sua pergunta, minha experiência com a poesia escrita por mulheres foi despertada a partir dos estudos que fiz sobre a geração de 45. Ainda estou descobrindo o que significa ser uma leitora da poesia das poetisas de 45. Posso destacar que se trata de escritoras nascidas entre 1920 e 1930, com formação no ensino superior, acesso à publicação em livro, presença significativa na imprensa e poéticas variadas.

2. Nos manuais escolares e livros de historiografia literária, muitas vezes, as poetisas são minoria ou estão de todo ausentes. Na sua avaliação, quais foram os principais desafios enfrentados pelas mulheres poetisas no campo literário?

Se formos observar nos livros de história da arte, as mulheres também foram minorias ou foram excluídas. Esses fatos não devem nos fazer supor que elas não se dedicaram ao trabalho de escrever ou pintar, para ficarmos nesses dois exemplos específicos. Considero que é preciso estudar a história das mulheres, bem como os processos de canonização, ou melhor, os variados modelos desses processos, para tratar dessa questão que você coloca. Uma escritora como Stella Leonardos, por exemplo, foi bastante atuante no campo literário brasileiro. Poeta, romancista, tradutora e ensaísta, de acordo com Christiana Ramalho (2017, p.171), Leonardos legou-nos uma produção literária que “reúne mais de 60 títulos, muitos deles contemplados com prêmios de natureza diversa”. Atualmente, sua obra é pouco estudada e quase desconhecida do público em geral. A historiografia é seletiva, e os textos historiográficos, comumente, são as fontes de consulta para a elaboração dos livros didáticos. Penso na importância da pós-graduação nos Estudos Literários para o desenvolvimento da teoria, da crítica, da historiografia e do ensino de literatura em perspectivas abrangentes, no sentido proposto Griselda Pollock (2021), no ensaio “Para onde vai a história da arte”, por dialogar com o conceito de pensamento planetário, de Gayatri Chakravorty Spivak, e refletir sobre a condução de seus próprios estudos voltados à produção de diferenciadas histórias da arte.

3. A leitura da poesia escrita por mulheres costuma ser atravessada por estigmas ou preconceitos. Como vê a recepção crítica dessa produção? Existe uma diferença entre o olhar de uma leitora mulher e de um leitor homem nesse contexto?

Voltarei à poesia das poetisas da geração de 45 para tentar responder a sua pergunta. Sim, posso dizer que a poesia delas, algumas vezes, recepcionada por poetisas da mesma geração, foi, como você disse, atravessada por estigmas ou preconceitos. Por exemplo, a recepção do primeiro livro de poesia de Idelma Ribeiro de Faria, *Alma nua* (1949), na imprensa, é exemplar. Mesmo considerando que se trata da crítica de “bacharéis”, como discutiu Flora Sussekind (2002) a respeito da crítica jornalística praticada nos anos 1940 e 1950 no Brasil, o

que se observa é a vinculação direta dos versos a uma espécie de confissão da escritora, negando a possibilidade de fingimento da poeta. Nesse sentido, é o que se pode observar na crítica de Pinto Rodrigues, publicada no *Diário de Pernambuco* no dia 30 de outubro de 1949, quando escreveu que a escritora “GRIFA frequentemente suas emoções, num desejo quase amargurado de mostrar toda a realidade de sua ‘alma nua’”².

4. Mesmo com restrições de acesso aos espaços formais da literatura, muitas mulheres publicaram em jornais, revistas e livros. O que esses espaços alternativos representaram para a produção poética feminina?

Eu diria que, no caso das poetisas da geração de 45, mesmo tendo acesso às editoras, elas permaneceram apartadas da historiografia. Em relação à imprensa, trata-se de espaço fundamental para todo e qualquer escritor. Constança Lima Duarte, autora do livro *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX* (2016), em uma entrevista publicada no site da Editora Luas, um projeto editorial feminista, fundada em Belo Horizonte-MG, em 2019, por Cecília Casto, perguntada sobre este livro, destacou que “os jornais foram o primeiro veículo de divulgação do trabalho intelectual feminino”³. Observo que, em relação ao século XX, os jornais também são fontes primárias cruciais para termos acesso a textos e informações sobre lançamentos, recepção e até mesmo aspectos das trajetórias das escritoras e dos escritores esquecidos da historiografia literária.

5. Para finalizar, o que mais lhe chama atenção na poesia escrita por mulheres?

A poesia. Quero dizer que não vejo a poesia escrita por mulheres como limitada a uma determinada perspectiva que lhes impunha certo modo de escrever. Idelma Ribeiro de Faria, em seu primeiro livro, *Alma nua* (1949), republicado na obra reunida *Emoção e memória* (1999), traz o poema “Frustração”, sobre a frustração do trabalho poético em meio às

² http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/36218

³ “O resgate histórico de obras escritas por mulheres e a importância do movimento feminista – Entrevista com Constança Lima Duarte”. Disponível em <http://editoraluas.com.br/2022/02/24/o-resgate-historico-de-obras-escritas-por-mulheres-e-a-importancia-do-movimento-feminista-entrevista-com-constancia-lima-duarte/> Acesso em 20 de jul. 2025.

dificuldades, metaforizadas em intempéries. O eu lírico, inicialmente, se diz ser um “pássaro sem ritmo/que doido se debate em céu aberto”. É nesse espaço de abertura que se coloca, para mim, o trabalho da artista que, sem prejuízo para a arte, às vezes, “No anseio de encontrar o céu aberto/Cai em cheio no chão”. Na sequência do poema, o eu lírico se transmuta em nuvem e concha e, na última estrofe, ao se dirigir a um “tu” como “vendaval”, que lhe quebra o ritmo, e “sol”, que lhe desfaz em pranto, encerra-o ambigualmente realizada: “És o mar onde inteira me perdi”.

Bibliografia

CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Editora Clube de Poesia, 1966.

FARIA, Idelma Ribeiro de. *Emoção e memória*. Obra poética reunida (1949-1999). São Paulo: Massao Ohno Editor, 1999.

POLLOCK, Griselda. Para onde vai a História da Arte?. *ARS (São Paulo)*, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 1427–1521, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.191637. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/191637>. Acesso em: 20 jul. 2025.

RAMALHO, Christina. PROPOSIÇÃO, ANACRONISMO E INVENTIVIDADE EM STELLA LEONARDOS. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE, v. 28, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/6843>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SUSSEKIND, Flora. “Rodapés, tratados e ensaios – a formação da crítica brasileira moderna”. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.